

## Sexualidade e envelhecimento da mulher: uma intervenção da Terapia Ocupacional

*Sexuality and aging of women: an intervention of Occupational Therapy*

*Sexualidad y envejecimiento de la mujer: una intervención de la Terapia Ocupacional*

Thayani Guedes Leite  
Vanessa Hellman  
Taiuani Marquine Raymundo

**RESUMO:** O estudo teve como objetivo analisar a percepção de mulheres adultas mais velhas e idosas acerca de sua sexualidade, por meio da utilização de um grupo de atividades. Estudo longitudinal, exploratório, descritivo, intervencional e qualitativo. Participaram seis mulheres com média de idade de 61,3 anos. A análise geral evidenciou que as participantes acreditam ser possível manter a sexualidade no envelhecimento, assim como acreditam que o conceito de sexualidade vai muito além do ato sexual em si.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Envelhecimento; Mulheres.

**ABSTRACT:** *The objective of this study was to analyze the perception of older women about their sexuality through the use of a group of activities. Longitudinal, exploratory, descriptive, interventional and qualitative study. Participated in the study six women with a mean age of 61.3 years. The general analysis has shown that participants believe it is possible to maintain sexuality in aging and believe that the concept of sexuality goes far beyond the sexual act itself.*

**Keywords:** *Sexuality; Aging; Women.*

**RESUMEN:** *Este estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de las mujeres adultas mayores y mayores sobre su sexualidad mediante el uso de un grupo de actividades. Estudio longitudinal, exploratorio, descriptivo, intervencionista y cualitativo. Participaron seis mujeres con una edad media de 61.3 años. El análisis general mostró que los participantes creen que es posible mantener la sexualidad en el envejecimiento, así como creen que el concepto de sexualidad va mucho más allá del acto sexual en sí.*

**Palabras clave:** *Sexualidad; Envejecimiento; Mujeres.*

## **Introdução**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), dentre as características marcantes da população idosa brasileira, destaca-se o processo de feminização da velhice, resultado da maior expectativa de vida conquistada pelas mulheres, quando comparadas aos homens, 77 e 69 anos, respectivamente. Tal processo deve-se a fatores como menor consumo de álcool e outras drogas e ao fato de as mulheres se preocuparem mais com a saúde e procurarem mais os serviços de saúde, possibilitando diagnósticos precoces e ampliando as chances de cura (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010; Küchemann, 2012; Nogueira, & Alcântara, 2014; Camarano, & Kanso, 2016).

Contudo, embora o envelhecimento seja um processo natural, a sociedade ainda não se organizou para melhor compreender a vivência e a convivência com estas pessoas, desvalorizando tanto a velhice, como o ser idoso. A mulher, neste contexto, convive com a negação do envelhecimento pelos mais jovens, sofrendo constantes preconceitos, crendices e tabus, sendo permeados pelo estereótipo do próprio corpo como velho, enrugado e decadente (Fernandes, 2009; Salgado, 2002; World Health Organization, 2015).

Com o envelhecimento, o corpo feminino passa por muitas transformações, dentre elas o aparecimento de algumas doenças crônicas, rugas, flacidez, embranquecimento dos pelos, quedas de dentes e a menopausa, processo que afeta não só a reprodução, mas também a libido e a autoimagem, repercutindo negativamente sobre a sexualidade dessas mulheres (Uchôa, *et al.*, 2016).

O envelhecimento envolve preconceitos e estereótipos, como à visão errônea de que, nesta etapa, existem desinteresse e incapacidade para a ação, colocando todas as pessoas idosas como dependentes, cansadas, mal-humoradas, passivas e sem energia. Na visão da sociedade, o idoso torna-se assexuado, perdendo as noções de sexualidade e desejos devido à incapacidade para tal (Berger, 2003; Uchôa, *et al.*, 2016). A aceitação do fato de que há vida sexual ativa nos anos finais da vida é muito recente, pois, durante muito tempo, admitiu-se que, com o correr dos anos, a vida sexual era praticamente impossível, talvez imoral e inquestionavelmente absurda (Moraes, Vasconcelos, Silva, Santiago, & Freitas, 2011).

Ao contrário do que se acreditava, a sexualidade não é ligada somente à vida reprodutiva, à genitalidade, mas, sim, a uma relação ativa com o parceiro, a identidade sexual, prazeres, intimidades, carinho, troca de experiências e também qualidade de vida, trazendo significados para as relações, proporcionando emoções, expressões, sensações e troca de afeto (Burke, 2008; Fernandes, 2009; Brasil, 2013; Viana, & Madruga, 2010; Vieira, 2012). A sexualidade relaciona-se a movimentos, pensamentos, sentimentos, influenciando a saúde física e mental, sendo elencada pela Associação Americana de Terapia Ocupacional (2015) como uma Atividade de Vida Diária (AVD), fazendo parte, portanto, do cotidiano do sujeito, vital em qualquer período da vida e um aspecto fundamental para a qualidade de vida.

Contrapondo-se ao estereótipo da sexualidade da mulher idosa, é bastante comum que muitas destas mulheres somente encontrem satisfação sexual e/ou expressem mais intensamente sua sexualidade quando estão com mais de 60 anos. Essa particularidade associa-se ao fato de que, com os passar dos anos, as mulheres têm vivências sexuais que lhe possibilitam maiores experiências e, conseqüentemente, se tornam mais confiantes em si mesmas e nos parceiros, em comparação com quando eram jovens. Outro fator que exerce influência é que, após a menopausa, as mulheres não mais se preocupam com a possibilidade de engravidar e se sentem mais livres para realizar atividades sexuais e, conseqüentemente, exercer sua sexualidade (Baldissera, & Bueno, 2010; Viana, & Madruga, 2010).

Contudo, com o prolongamento da vida sexual desta população, surge outra problemática: o aumento de relações sexuais inseguras e conseqüente exposição para Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

Vale ressaltar que estes idosos vêm de uma época quando o uso de preservativos não era tão disseminado, não fazendo parte da sua prática habitual (Dornelas Neto, Nakamura, Cortez, & Yamaguchi, 2015; Brasil, 2017; Uchôa, *et al.*, 2016; Silva, Minervino, Bueno, & Fassarella, 2014). De acordo com o Ministério da Saúde, desde o começo das notificações de HIV no ano de 1980 até junho de 2011, foram 16.838 casos da doença em pessoas acima de 60 anos, sendo 1620 novos casos só em 2011 (Brasil, 2017; Dornelas Neto, *et al.*, 2015).

Considerando-se os efeitos do envelhecimento e o aumento dessa população idosa, é necessário repensar as ações de saúde para que possam englobar esses sujeitos. De acordo com Alencar, Marques, Leal, & Vieira (2014, p. 3534), “são necessários estudos na área do envelhecimento, que abordem não apenas o aparecimento das doenças, como também temáticas que considerem o idoso em toda sua identidade humana” (Mello, 2007). Neste contexto, a Terapia Ocupacional é uma das profissões da área da saúde que, dentre outros campos de atuação, destina seu processo de intervenção para a população idosa. O atendimento deste profissional com a população em pauta pode ocorrer em distintos contextos, sendo o principal objetivo a manutenção da autonomia e independência na realização de ocupações e consequente garantia de qualidade de vida (Mello, 2007).

De acordo com Mello (2007), a atuação do terapeuta ocupacional na promoção da sexualidade da pessoa idosa deve ser contextualizada e pode ter como objetivo: o desenvolvimento de possibilidades físicas e afetivas de melhora do desempenho sexual; educação quanto à escuta e respeito ao próprio corpo e aos sentidos; aumento da autoestima, da sensibilidade e da intuição; e ajuda na manutenção de um relacionamento com base no amor ao invés da carência, bem como aprofundar a relação sexual e intimidade.

Produções científicas pertinentes à sexualidade da mulher idosa, na área da Terapia Ocupacional, são escassas; portanto, o presente estudo visou a contribuir com conhecimentos sobre o tema, incentivar novas pesquisas e métodos de intervenção voltados à temática. Assim, esse estudo teve como objetivo geral analisar a percepção de mulheres adultas mais velhas e idosas acerca de sua sexualidade, por meio da utilização de atividades grupais conduzidas por discentes e docente de Terapia Ocupacional.

## **Materiais e Métodos**

Trata-se de um estudo longitudinal prospectivo, de caráter exploratório, descritivo, intervencional com abordagem qualitativa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, em 01 de novembro de 2017, sob o parecer de n.º 2.362.157.

Os critérios de inclusão utilizados na seleção das participantes foram: ser mulher, de qualquer estado civil e classe socioeconômica, ter 55 anos ou mais, possuir quatro anos ou mais de escolaridade e não ter déficits cognitivos pelo Mini-Exame do Estado Mental (MEEM). As notas de corte utilizadas nesse estudo foram: 13 pontos para analfabetos e sujeitos com um a quatro anos de escolaridade; 18 pontos para sujeitos com cinco a oito anos de escolaridade; e 26 pontos para sujeitos com nove ou mais anos de escolaridade (Bertolucci, Brucki, Campacci, & Juliano, 1994).

Após a realização da seleção das participantes, para a caracterização da amostra, foram utilizados os instrumentos: questionário socioeconômico, com dados sobre idade, escolaridade, renda mensal e situação conjugal; questionário de percepção das participantes em relação ao tema sexualidade, sendo este um instrumento autoaplicável, composto por perguntas abertas, semiabertas e fechadas, elaborado pelas autoras do estudo.

Demais dados sobre a percepção da sexualidade foram coletados por meio da aplicação de atividades grupais (oficinas), as quais foram realizadas entre os meses de março a maio do ano de 2018, totalizando oito encontros, com duração de uma hora e meia cada. O grupo em questão aconteceu nas dependências do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e foi composto de seis integrantes. Quanto a sua estruturação, foi homogêneo e fechado, ou seja, após o início das atividades não foi permitido o ingresso de novas participantes. O contrato terapêutico foi estabelecido em conjunto com o grupo no primeiro encontro, e a dinâmica de funcionamento teve como base as avaliações e reações das participantes durante as atividades propostas.

Durante a realização do grupo, destaca-se que foi utilizado grupos focais, ao final de quase todos os encontros, com exceção do primeiro.

Tal técnica teve como objetivo criar um ambiente que permitisse a interação entre os participantes, para que pudessem defender suas ideias, mas também as rever e reorganizá-las de acordo com as experiências do outro (Gui, 2003). As pesquisadoras assumiram o papel de mediadoras das discussões, trazendo assuntos relevantes à temática e fomentando o debate por meio de questões disparadoras. Tais momentos foram gravados e transcritos na íntegra para posterior análise.

O resumo das atividades realizadas está apresentado no quadro 1.

**Quadro 1.** Atividades grupais

<b>Encontro</b>	<b>Objetivo</b>
<b>1º Coleta de dados</b>	Assinatura do TCLE, termo de consentimento para uso de imagem, coleta de dados, contrato grupal e dinâmica inicial.
<b>2º Atividade sobre linha da vida</b>	Iniciar a integração do grupo; conhecer as participantes e possibilitar que estas se conheçam entre si, assim como os eventos significativos e/ou características de cada uma; possibilitar às integrantes que observem suas vidas e suas perspectivas; estimular debate sobre a sexualidade em algumas fases da vida.
<b>3º O conceito de sexualidade na percepção da mulher adulta e idosa</b>	Possibilitar que as participantes visualizassem seu conceito sobre sexualidade; aprofundar a reflexão e diálogo sobre a sexualidade e como ela é projetada nas relações sociais (tais como: padrões do que é sexualmente aceitável e atraente, estereótipos relativos ao papel sexual feminino e masculino na sociedade em que vivemos); possibilitar a percepção da diversidade de posturas frente ao tema e como tal percepção é influenciada por questões diversas, tais como religião, educação, valores, criação familiar, fatores culturais e sociais.
<b>4º Sexualidade</b>	Possibilitar que as participantes visualizassem seu conceito sobre sexualidade; aprofundar a reflexão e diálogo sobre o tema.
<b>5º Relaxamento e reflexão</b>	Estimular a interatividade grupal; demonstrar, reconhecer e descobrir os próprios atributos; estimular narrativas e expressão de sentimentos quanto à autoimagem e autoestima; dialogar sobre aspectos individuais e sociais relacionados à autoimagem e influência na autoestima, debater sobre a sexualidade versus autoimagem.
<b>6º Sexualidade: Realidade X Ficção</b>	Refletir e dialogar sobre questões referentes à sexualidade; apresentar a realidade versus ficção através de exposição de cenas de filmes; possibilitar a percepção da diversidade de posturas frente ao tema; refletir e dialogar sobre questões referentes à sexualidade.
<b>7º Mural grupal</b>	Favorecer espaço para expressão do que sentiu no decorrer dos encontros e o que estava sentindo com a finalização do grupo; propiciar uma avaliação das atividades realizadas; facilitar o processo de término dos encontros grupais; constatar a presença da sexualidade na representação.
<b>8º Encerramento das atividades grupais</b>	Reaplicar questionário para posterior comparação das respostas; incentivar espaços de pertencimento e diálogo e encerrar as atividades grupais.

**Fonte:** As autoras, 2018.

No último encontro, foi realizado o último grupo focal, que teve como objetivo identificar a contribuição do grupo para as participantes.

Em relação aos aspectos éticos, a participação foi voluntária e as avaliações foram aplicadas individualmente. Os dados das participantes não foram divulgados e nas atividades grupais foi ressaltada a importância da confidencialidade entre as participantes, e entre estas e as pesquisadoras.

As idosas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) com informações sobre os objetivos da pesquisa e para firmar a participação no estudo de acordo com a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012. Para assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações, as participantes receberam um número de identificação.

Os dados do questionário sobre a percepção da sexualidade das mulheres e os advindos dos grupos focais foram analisados por meio da análise de conteúdo (AC) de Bardin (2011).

## **Resultados e Discussão**

### ***Seleção da amostra***

Como critério de seleção das participantes, foi aplicado o MEEM. Todas as oito interessadas em participar da pesquisa atingiram a nota de corte da avaliação e, assim, foram consideradas aptas a participarem do estudo. Desde o primeiro encontro, porém, apenas seis mulheres compareceram e permaneceram no estudo, compondo sua amostra final.

### ***Caracterização da amostra***

Como características da amostra, as idades variaram de 55 a 75 anos e a média de idade das participantes foi de 61,3 anos (DP=3,02). Destas, metade era divorciada, três relataram residir com os filhos e, em relação à renda mensal, a maioria (quatro) recebia entre um e três salários; e uma participante não respondeu ou não soube responder à questão.

Quanto à escolaridade, metade das participantes possuía ensino superior completo e, quanto a exercerem atividade remunerada, metade das participantes exerciam (tabela 1).

**Tabela 1** – Características socioeconômicas da amostra (N=6)

<b>Estado Civil</b>	<b>Participantes (N)</b>
Casada	1
Divorciada	1
Solteira	1
Viúva	3
<b>Reside (com)</b>	
Cônjuge	1
Filho(s)	3
Sozinha	2
<b>Renda Familiar (R\$)</b>	
Entre 1 e 3 salários mínimos	4
Entre 3 e 5 salários mínimos	1
<b>Nível de Escolaridade</b>	
1º grau incompleto	1
2º grau completo	1
Ensino superior incompleto	1
Ensino superior completo	3
<b>Atividade Remunerada</b>	
Sim	3
Não	3

**Fonte:** As autoras, 2018.

### ***Percepção das participantes acerca do tema sexualidade***

Anteriormente à realização das oficinas, no primeiro encontro, as participantes responderam ao questionário sobre suas percepções acerca do tema sexualidade. Todas as participantes relataram ser fácil falar sobre o tema da sexualidade, sendo que duas relataram que essa questão está associada à intimidade entre duas pessoas e/ou à vida íntima do casal; uma relatou ser o que diferencia o homem e a mulher e todos os seres vivos; uma relatou ser parte da vida, e que esta não é apenas o sexo e, sim, o toque e o carinho. Complementando, uma participante relatou ser carinho, contato físico com o sexo oposto, beijos; e uma outra participante disse ser a energia que move as pessoas, a vida.



Quando questionadas em relação a como se sentem frente à sua sexualidade, duas participantes relataram estarem satisfeitas; uma participante sente-se normal; e uma participante se sente resolvida em relação a este tema. Ademais, uma participante apontou não estar com a vida sexual ativa, porém, acha uma coisa boa entre duas pessoas que se amam e acredita que deve existir amor e carinho, além de considerar uma coisa bonita.

Quanto à influência da autoimagem na sexualidade, três participantes relataram influenciar bastante; e uma complementou que é necessário ter uma boa autoimagem e estar bem consigo mesma; duas relataram não influenciar; e uma participante relatou se sentir bem e sempre estar aberta a melhorar.

Em relação à frequência com que mantêm relações afetivas, duas participantes relataram nunca manter; uma relatou que estas são frequentes; uma citou ser raro; outra que mantém às vezes; e uma participante optou por não responder. Em relação à frequência com que sentem prazer nas relações sexuais, três participantes optaram por não responder à questão; duas indicaram ser frequente; e uma relatou nunca realizar.

Por fim, as participantes foram questionadas sobre sua percepção acerca da vivência da sexualidade na velhice, duas mulheres não responderam à questão; uma relatou que a sexualidade sofre influência e pode diminuir de acordo com o parceiro e parceira; uma informou ser importante mesmo estando sozinha e não tendo presente a sexualidade em sua vida; outra afirmou que a sexualidade é importante em qualquer idade da vida, porém depende da idade e dos limites impostos por esta; e uma outra participante relatou que é feliz e resolvida em relação à sua a sexualidade.

### ***Atividade grupais***

Como apontado anteriormente, foi realizado grupo focal em cada uma das oficinas com exceção do primeiro encontro. As categorias advindas da análise dos grupos focais de cada encontro estão apresentadas no quadro 2, e os principais tópicos discutidos estão descritos a seguir.

**Quadro 2.** Grupos focais

<b>Oficinas</b>	<b>Categorias – grupo focal</b>	<b>Participantes presentes</b>
Primeira oficina (segundo encontro) – Linha da vida	Percepção subjetiva da sexualidade; Abordagem da sexualidade na família no passado e no presente; Vivência da sexualidade hoje e anteriormente; Sentimentos negativos; Desejos/sonhos; Relacionamentos; Superação; Visão positiva e negativa da sexualidade; Memórias positivas.	6
Segunda oficina (terceiro encontro): Conceito da sexualidade na visão da mulher adulta e idosa	Conceito de sexualidade; Relacionamentos do passado, presente e futuro; Memórias negativas e positivas; Sentimentos bons e ruins; Dificuldades nas relações sexuais.	5
Terceira oficina (quarto encontro)	Autoimagem/amor próprio; Relacionamento; Sexualidade e envelhecimento.	4
Quarta oficina (quinto encontro): Relaxamento	Percepção sobre a atividade; Sobrecarga da mulher; Amor próprio/autoestima; Relacionamentos; Liberdade; Medo de se relacionar; Conhecer novas pessoas; Superproteção dos filhos com as mães; Filhos que apoiam.	3
Quinta oficina (sexto encontro): Sexualidade - Realidade x Ficção	Realidade e ficção; Relacionamentos; Conflito entre parceiros.	6
Sexta oficina (sétimo encontro): Mural grupal	Reflexões sobre a participação no grupo; Relacionamento; Interferência familiar; Autoestima; Reflexões acerca da atividade.	6
Sétima oficina (oitavo encontro): Encerramento	Benefícios do grupo; <i>Feedback</i> para as mediadoras; Prevenção de doenças; Dificuldades enfrentadas no grupo.	4

A primeira oficina teve como temática a “linha da vida”. As participantes explanaram sobre os principais aspectos da sua vida, por meio da construção individual da sua linha de vida, contendo a fase da adolescência, adulta e idosa. Nesse dia, todas as participantes estavam presentes.

A atividade proposta acabou por despertar nas participantes lembranças que iam além das imagens escolhidas para representar a linha de suas vidas. Surgiram lembranças positivas e negativas. As positivas estavam relacionadas às aventuras vividas ao longo da adolescência, festas, amizades, paquera, estudos, a liberdade que tinham, assim como os momentos em família, e a rigidez dos pais e outros familiares. Alguns sentimentos negativos estavam ligados a vivências traumáticas, abandono da família por parte do esposo, e perda do cônjuge.

Ressalta-se aqui que as participantes não tiveram muitos relacionamentos amorosos ao longo da vida, tendo as mesmas se casado, em sua maioria, muito jovens e com os seus primeiros namorados. Relataram também que suas primeiras relações sexuais aconteceram quando tinham entre 17 e 23 anos.

*“Desde a adolescência, conheci a pessoa errada foi isso que aconteceu; se tivesse conhecido outra pessoa, talvez eu não teria feito nada; me abandonou, deixou, ficou só marca negativa.”* (Participante 1).

*“Coloquei, eu ali, quando era criança, e a minha juventude, meu casamento. Coloquei que o meu marido e meu filho, eles são bem companheiros, são bem amigos, aí, a maior alegria minha, quando nasceu minha netinha.”* (Participante 2).

*“Comecei a namorar tinha uns 14, 15 anos, mas era namoradinho, assim, que olha, não podia nem pegar na mão, porque se a gente pensasse em fazer alguma coisa, meio escondido, os pais estavam olhando. Depois conheci o meu marido, casei muito jovem, casei com 17 anos, mas foi boa a nossa vida, eu diria que foi gostosa.”* (Participante 3).

Durante o grupo, também foi possível notar que a maneira como as participantes lidam com a questão da sexualidade com seus filhos é diferente de como fora vivenciada com seus próprios pais. Assim como também se faz diferente, a maneira como vivenciavam a sexualidade no passado, e como a vivenciam nos dias de hoje. Uma participante relatou ter sido reprimida durante a sua adolescência. Outra participante apontou que os pais não abordavam questões relacionadas ao sexo com ela e que estes eram muito rígidos em relação a namoros. Essa mesma participante relata ter tido relações sexuais sem proteção, por não saber dos perigos envolvidos.

Em relação aos dias atuais, duas participantes relatam ter mais liberdade com os filhos, sendo que uma delas disse falar abertamente com eles sobre sexo e suas consequências. Por não se sentir muito confortável em abordar o assunto, uma participante recorreu à ajuda de um profissional da saúde.

*“Eu sempre fui muito aberta com as minhas meninas, tenho quatro filhas e um filho, sempre conversei de tudo com elas, nunca escondi nada, também orientei, né?” (Participante 5).*

*“Eu tentava conversar com minha filha tudo, né?, aí, já mandei pra ginecologista e pedi: por favor, fala tudo aí pra minha filha, tudo o que eu não consigo falar, fala aí pra ela. O que eu não tive de informações, eu tentei passar.” (Participante 6).*

Para a segunda oficina, "O conceito da sexualidade na visão da mulher adulta e idosa", foi utilizado um programa on-line (*Mentimeter*), que permite a realização de uma nuvem de palavras (figura 1); assim, cada participante, por meio do seu aparelho celular, pode listar três palavras para conceituar a sexualidade. Dentre os termos elencados, alguns foram apontados por mais de uma participante, como: "carinho", "amor", "contato físico" e "toque", foram também citados: "abraço", "homem", "mulher", "seres vivos" e "beijos".

Além dos itens que foram citados na nuvem de palavras, as participantes também acrescentaram novas expressões para definir a sexualidade, sendo elas: "essência", "amor próprio", "autoimagem", "respeito" e "importância". Neste momento, surgiram também memórias passadas, reflexões sobre relacionamentos, entre outros tópicos.

**Figura 1-** Nuvem de palavras



**Fonte:** As autoras, 2018.

Algumas das participantes indicaram a necessidade de amar-se primeiro, para depois amar o outro.

Com relação ao termo "importância", uma das integrantes afirma ser, na sua opinião, o que melhor define a sexualidade.

“Acho que importância é uma palavra que define bem, pois, depois dos 60, não temos mais tempo a perder; então, se você vai ficar com alguém, aquela pessoa tem que ter importância para você, e se a pessoa está com você é porque tem importância para ela também.”  
(Participante 3).

Para a terceira oficina, novamente foi discutido o conceito de sexualidade, trabalhado por meio da realização de um *Quiz* (jogo de perguntas e respostas) a partir da utilização de um programa on-line (*Kahoot*), no qual as respostas eram selecionadas por meio do aparelho celular de cada integrante, e o resultado projetado na tela à frente delas. Após, houve a realização de uma dinâmica, no qual foi passada, para cada participante, uma caixa contendo um espelho, pedindo-lhes que a abrissem e falassem sobre o que viam ali, realizando posteriormente, no grupo focal, uma reflexão sobre a autoimagem.

Sobre o conceito da sexualidade, as participantes responderam unanimemente se tratar da "energia que motiva ao amor, contato, ternura e intimidade". A respeito das dificuldades enfrentadas para o desempenho da sexualidade, as respostas foram: autoimagem, disposição e falta de companheiro. Com referência às mudanças ocorridas devido ao envelhecimento, duas participantes apontaram como positivas e outras duas como neutras. Sobre a sexualidade após os 60 anos, todas confessaram não ser um assunto discutido abertamente, existindo tabus sobre o tema.

No tocante aos "Relacionamentos", duas participantes abordaram o apoio e incentivo recebido pelos seus companheiros, frisando a importância de ter alguém que eleve a sua autoestima. Uma das mulheres trouxe relatos positivos em relação a seu parceiro atual, com quem mantém um relacionamento a distância; e a segunda recordou fatos expressivos sobre a convivência familiar com o cônjuge, já falecido. Ainda, outra participante expressou o sonho de encontrar um companheiro que a trate bem.

Em relação à "sexualidade", foi ponderado sobre a liberdade que possuem hoje para falar da temática de maneira mais livre e natural. Também foi apontado, por uma das participantes, a influência da cultura na sexualidade, a qual relatou que diferenças culturais podem atrapalhar no relacionamento com o outro.

*“Mas se pensar você vai se envolver com alguém de uma cultura, eu por exemplo, sexo tem que ter um outro envolvimento, não tem que pensar só em sexo; então, a gente já tem o conhecimento, tem que ser alguém com a língua parecida com a da gente, tenha uma cultura parecida, no meu ponto de vista tem a ver, por que eu jamais faria sexo com alguém por sexo, se não tiver um envolvimento.”*  
(Participante 6).

A quarta oficina teve como atividade um relaxamento, o qual se focou em cada parte do corpo. As participantes afirmaram que, antes da oficina, estavam tensas e agitadas, mas após a atividade conseguiram relaxar; foi ressaltado, assim, a importância de se ter momentos como este. Uma das integrantes do grupo alegou não ter tido tais oportunidades no passado, isto devido aos cuidados dispensados aos filhos e ao marido. Esta sobrecarga foi apontada por três participantes como um fator estressante, afetando a autoimagem, sendo que uma das mulheres relatou ainda sentir esta pressão. Foi salientado também que atualmente existe a maior colaboração do cônjuge em casa, o que resulta em uma diminuição da carga atribuída a mulher.

*“A mulher, eu acho assim, que ela tem uma sobrecarga sobre ela, né? Você veja, o homem trabalha, mas ele não tem que chegar em casa, cuidar do filho, fazer as coisas que, às vezes, a mulher chega em casa e tem que fazer comida. Eu já passei dessa fase, mas eu vivi essa fase, entendeu? E eu acho que a sobrecarga sobre a mulher é muito grande, entendeu? É isso que eu acho que gera um pouco mais de tensão na gente. Uma sobrecarga maior, né? Então, eu acho que a gente precisa, precisava assim, antigamente relaxar! Tudo isso ajuda a autoestima, tudo um conjunto, né?”* (Participante 3).

No quesito "amor próprio/autoestima", revelaram se olhar no espelho com frequência, gostarem e aceitarem o que veem. Uma das participantes relatou melhoria na autoestima, através do apoio e elogios do companheiro; outra salientou a importância da beleza interior; e, em concordância, outra integrante discorreu sobre como transparece externamente quando a pessoa não está bem consigo mesma.

Todas as mulheres presentes relataram ter um pouco de medo/receio de se relacionar novamente; os motivos apontados foram: dificuldade de aceitação do término pelo homem, ser privada da família, medo da aproximação de uma pessoa estranha perto dos filhos, manias pré-existentes.

A liberdade foi apontada como algo que conquistaram só na idade madura, e que as fazem pensar se querem ou não se relacionar novamente. Sobre conhecer novas pessoas, uma das participantes alegou não dar espaço para isso, porém, quando discutido sobre relacionamentos a distância falou que, dessa forma, aceitaria.

*“Porque a nossa liberdade hoje, até pela idade em que a gente está, tem liberdade, né? Tem uma pessoa do nosso lado, que vai nos barrar, não no sentido de nos barrar, não! Você não vai aqui, não vai ali, não é isso, mas no momento que você tem um compromisso com uma pessoa, automaticamente você já se prende.”* (Participante 5).

Tendo em consideração o relacionamento com os filhos, é consenso a superproteção destes para com suas mães. Ademais, duas integrantes falam do apoio de seus filhos para que encontrem um companheiro.

*“Eu falava para os meus filhos, eu vou lá ver se reencontro os meus exs. Nossa, você ficou louca, você não vai procurar ninguém lá. Que daí você vai ter que ir embora para lá e você não vai embora para lá. Ficam loucos. Daí, um cara de lá me adicionou no Facebook, amigo, estamos conversando, aí meus filhos descobriram, mas vasculharam a vida do cara, mas nem eu estou interessada de saber da vida dele, simplesmente aceitei a amizade, é amigo das minhas amigas lá. Deus o livre!, mas vasculharam a vida do cara, ciúmes, né?”* (Participante 5).

*“Eu me separei, você veja, eu fiquei com quatro filhos pequenos. Nossa, não foi fácil. Os meus filhos têm vontade que eu conheça alguém.”* (Participante 3).

Na quinta oficina, “Sexualidade: Realidade x Ficção”, foram previamente selecionados trechos de filmes que retratavam questões referentes ao cotidiano, incluindo a sexualidade na terceira idade. A atividade proposta despertou, nas participantes, uma reflexão a respeito da sexualidade, em termos ficcionais e quanto ao mundo real, além de possibilitar a percepção da diversidade de posturas frente ao tema da sexualidade relatado pelas participantes.

Em relação à percepção da realidade com as cenas expostas dos filmes, foi apontado que a sexualidade engloba outros fatores além do sexo, sendo relatado, por uma das participantes, que os idosos são vistos como assexuados, e que os filhos, muitas vezes, controlam a vida das mães, a respeito de sua sexualidade.

*“Algo útil ali da novela, eu não assisto, mas achei interessante aquela parte em que a Fernanda Montenegro fala viver a vida, porque chega num certo momento da vida que as pessoas, as mulheres principalmente, se acomodam nesse sentido, de justamente perder esses compromissos da sexualidade.”* (Participante 4).

*“As cenas que passaram ali, eu achei muita coisa linda, da parte do amor do idoso, vamos ficar deitadinho, juntinho, só para dar a mão. Vendo as cenas traz muitas recordações, muitas coisas boas.”* (Participante 5).

*“Aquilo que uma das atrizes do filme, que não sei o nome falou, que acham que as pessoas de idade são assexuadas, por ser mais velho, e não é, é uma ilusão, os filhos que acham que os pais não fazem sexo, não faz sexo, viúva, separada, eles acham que eu morri para a vida.”* (Participante 6).

Uma das participantes relatou sobre o convívio entre homens e mulheres idosas, e apontou que os homens não se aproximam muito, que ficam sozinhos ou ficam “*inventando histórias*” (sic). Outra participante comentou que deve existir um companheirismo entre o casal. A atividade também despertou lembranças dos relacionamentos das participantes. Na fala das participantes, as lembranças abrangiam os conflitos entre o casal e a maneira de reconciliação determinada por eles.



A sexta oficina foi um “mural grupal”. Cada participante contribuiu para a confecção de um cartaz coletivo. Por meio de pintura, escrita, recorte e colagem, buscou-se refletir sobre os aspectos positivos e negativos que o grupo trouxe, sentimentos vivenciados, e o que as atividades significaram em relação à sexualidade.

As experiências vivenciadas e compartilhadas foram apontadas por duas participantes, que relataram que tiveram oportunidade para falar um pouco e viver aquilo que se sentem, além de poder olhar para o seu interior. No entanto, mesmo com a peculiaridade de cada uma, a proposta do grupo mexeu com todas.

*“Experiências que a gente acha que só a gente passa, né? São só dificuldades né?, ou não. A gente acha que é única, porque o sofrimento é demais, ou isso, aquilo... Como digo: o sentimento vem para quem tem força. Eu penso assim: as medidas vão vindo. Então, a gente vê que tem em comum situações, né? Que nos torna mais leves.”*  
(Participante 4).

No decorrer da atividade proposta, surgiram palavras que puderam expressar o que as mulheres viveram nas oficinas, como por exemplo: força, união, reflexões e intimidade, sendo esta última citada por três participantes. Uma das participantes sugeriu darem um nome para o grupo, sendo este o título do mural.

*“A intimidade já está falando tudo [...] Grupo das corajosas, as guerreiras... Por que, né? A gente tem tudo em casa, os filhos, a família, tem as nossas atividades e nós conseguimos estar aqui, porque muitas começaram e não conseguiram ficar até o fim.”*  
(Participante 2)

Quatro participantes relataram sobre o quanto é difícil falar sobre sexualidade e, conseqüentemente, conseguir se expor. Uma das participantes também relatou que o tema acabou por afastar muitas mulheres que foram convidadas a participar das oficinas, porém, mesmo diante da temática difícil, uma outra integrante mencionou ter se identificado com as atividades.

*“É engraçado, né? As pessoas, cada pessoa entende de uma forma. Quando que era para se inscrever nessa oficina de sexualidade, a maioria das pessoas falavam: “Eu não quero que eu já tive, fiz muito*

*sexo”. Engraçado que a pessoa não tem consciência que a sexualidade está ligada a tudo!” (Participante 3).*

*“E você sabe que esse assunto é tão interessante que com certeza o que a gente viveu aqui. a gente não vai precisar falar, sabe? Porque as pessoas não estão com a cabeça preparada para isso. Em casa, eu comentei com minha filha também, algumas coisas achei interessante e ela achou maravilhoso.” (Participante 4).*

Sobre os tipos de relacionamentos, uma participante relatou que não sente a necessidade de estar junto, que mantém um relacionamento à distância, mesmo assim um ampara o outro, porém a filha se incomoda com esse fato. Outra componente do grupo alega preferir uma proximidade maior. Uma das mulheres revela que tem poucos momentos com o marido, devido à necessidade de cuidar da mãe do mesmo, a qual é cadeirante.

Outro apontamento das participantes foi a respeito da autoestima, do cuidado com o corpo, alimentação e a aceitação em relação a como é o seu corpo.

*“Por ser corajosas, nós temos também que usar um batonzinho [...] em primeiro lugar, o que foi colocado aqui pra gente... se gostar, gostar do próprio corpo, né? Aceitação do nosso corpo, aceitação de nós mesmas.” (Participante 5).*

A atividade do mural em grupo trouxe as participantes reflexões acerca das oficinas realizadas desde o começo, proporcionando aprendizado, novas experiências, compartilhamento de ideias e histórias de vida.

*“O coração da gente, de conhecer uma a outra, aí. Falar sobre intimidade, falar do nosso passado, do nosso futuro também. Acredito que foi muito bom esse momento que nós tivemos juntas aqui, né? A gente aprendeu uma com a outra. A mente da gente abre para outras coisas também; então, por isso que eu digo que é o grupo das corajosas. Guerreiras mesmo! Mas, ali, falando também sobre o nosso corpo, os cuidados que a gente tem que ter com a nossa saúde, porque nós sabemos que passamos por muitas mudanças, né? Meu*

*Deus! Eu fiquei muito feliz de poder conhecer e sentir o carinho de cada uma de vocês. Eu senti isso também. Por isso que eu digo, é muita coisa para o nosso coração e valeu a pena.”* (Participante 2).

*“Foi muito bom esses momentos, que eu participei, gostei. Pra mim foi um grande aprendizado, aprendi muito, eu acho que eu aprecio muito a interação entre a gente. Isso que é muito bom!”* (Participante 3).

*“Foi tudo de bom. E não esquecer também dos cuidados, né? Que a gente tem que se cuidar, se amar, né? Se sentir poderosa, né? E vivermos o momento, felizes! A vida é fácil, a gente que complica.”* (Participante 4).

*“É, a gente conseguiu representar um pouquinho, né? Daquilo que a gente tá levando daqui. É difícil expressar tudo aquilo que a gente sentiu aqui e vai levar para nossa vida também. O que a gente trouxe também, né? Para partilhar. Eu acho que foi muito bom, fizemos bastante reflexão. A nossa autoestima, que eu acho que nos ajuda cada vez mais buscando mais, você vai cada vez mais trabalhando dentro da gente, né? A amizade. A vida! ...nossa amizade, tudo que a gente viveu até aqui e a bagagem que a gente vai levar. A gente vai levar mais do que trouxe, né?”* (Participante 5).

A sétima oficina, oitavo e último encontro, foi destinada ao “encerramento do grupo”. Neste dia foi realizado apenas o grupo focal, no qual foram disparadas duas perguntas norteadoras, a fim de saber a percepção das mulheres quanto às atividades anteriormente realizadas. As perguntas foram: O que significou para você participar desse grupo? Quais os desafios foram enfrentados ao participar do grupo? As participantes relataram sobre a contribuição do grupo e o que este trouxe de relevante em relação à sexualidade.

Foi relatado, pelas participantes, a contribuição do grupo para cada uma e estas agradeceram a liberdade e tranquilidade na mediação do grupo.

Uma das mulheres pontuou que o grupo foi importante para ela conseguir se expressar e interagir com as colegas. Também surgiram falas sobre ter um novo companheiro, ter abertura para falar sobre a temática e o aprendizado conquistado por meio das discussões no grupo.

*“No começo eu era bem fechada, acabei me abrindo, conversando com as pessoas, e isso me ajudou bastante por que eu estava sempre quieta, assim, me ajudou a falar, ajudou bastante a conversar com as colegas.” (Participante 1).*

*“Foi bom, eu achei ótimo, leva a gente a fazer uma reflexão, tem muitas coisas que a gente, a gente não, eu, você acha assim que o sexo faz parte da vida, mas muitas vezes eu depois que fiquei viúva, não sei me abalou muito; eu vejo, assim, que acho que tá na hora de eu conhecer alguém, voltar a ter uma vida, não estou falando só em sexo, estou falando uma vida em ter uma pessoa pra gente sair, passear [...] eu passei dos 60, mas a gente tá vivo.” (Participante 3).*

*“A pessoa chega a uma certa idade não pode nem falar mais de sexo, acabou, que não precisa mais, e isso aí foi bom. É tão tranquilo, tão aberto, e a gente vai vendo no exemplo uma da outra que a gente não está sozinha, que a gente tá aqui para crescimento. Em todas as situações a gente tem esse direito, não é verdade? É uma coisa aberta, acho que não tem esse negócio de idade, esses negócios, para ser feliz. Vamos viver. Um agradecimento, vocês merecem um agradecimento, da gente ter essa abertura para falar.” (Participante 4).*

Quanto às dificuldades, uma das participantes relatou que, para ela e uma amiga, foi difícil estar presente nas oficinas, devido à distância; porém, poder aproveitar o conteúdo foi, segundo esta, muito bom. Além disso, comentou que um dos maiores desafios foi enfrentar o tema.

*“Quanta troca, né?, quanta experiência de vida, né?, quantas lembranças, quantas coisas boas, por que, às vezes, a pessoa se fecha, não tem com quem contar, por que ninguém viveu aquela fase, aquela*

*época. Isso é tão fácil, tão simples, e a gente tem a tendência de ir mais na solidão.” (Participante 4).*

*“Acho que o maior desafio foi o de enfrentar o tema, né?, que muita gente, desistiu, assim não procurou até pelo fato do tema, ah, não quero nem saber, pela falta de conhecimento.” (Participante 5).*

As participantes fizeram uma reflexão sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a importância da prevenção a elas. Uma participante argumentou sobre a existência de campanhas preventivas para jovens, e a necessidade de se ter esse cuidado com o idoso também. Relataram também que o pensamento dos idosos é de que nunca vai acontecer com eles, mas que tem acontecido muito. Outro fator importante comentado por elas são as idas aos bailes, festas e que, na empolgação, os idosos estão deixando de tomar os cuidados necessários.

## **Discussão**

De acordo com os resultados apresentados e relatados nos grupos focais, a sexualidade foi apontada pelas participantes como essencial para a qualidade de vida, sendo apontada, por uma das mulheres, como “*energia vital*” (sic). Além disso, o grupo de intervenção conduziu para atestar componentes que interferem e agregam a sexualidade na vida dessas mulheres.

A análise geral do presente estudo evidenciou que a maioria das participantes acredita ser possível manter a sexualidade no envelhecimento. Sobre o conceito da sexualidade, a palavra “sexo” não foi citada pelas participantes, dando lugar a uma outra visão, definida por: carinho, companheirismo, intimidade, compreensão, toque, afeto, parceria, afinidade, cumplicidade, autoestima, amor, entre outros. Tal resultado está de acordo com o descrito por Garros (2018, p. 218), a qual relata que, na terceira idade, o ato sexual em si (penetração), deixa de ser central, “não sendo a representação mais importante nesta fase da vida”. Ademais, Frugoli e Magalhães Júnior (2011), ao realizarem uma pesquisa sobre o conhecimento de um grupo de 14 idosas referente à sexualidade, obtiveram, como resultados, que 43,0% entendem a sexualidade apenas como sexo; 36% consideram que, além do sexo, envolve o amor, o carinho, o companheirismo e a amizade; e 21% não souberam responder.

Quanto à possibilidade de ser existente uma vida sexual e ativa após os 50 anos, 86,0% acreditam ser possível; e 14,0% relatam não acreditarem nisso (Frugoli, & Magalhães Júnior, 2011).

Dentre as participantes deste estudo, a autoimagem também foi apontada como um dos fatores que interferem no desempenho da sexualidade; além disso, foram indicadas: a disposição para o ato e a ausência de um companheiro, este último devido ao fato de metade das integrantes serem viúvas. Ademais, as participantes que não mantêm relações sexuais ativas relataram que, só após a idade madura, conquistaram a sua liberdade, e que isso as fazem pensar se querem ou não se relacionar novamente. De acordo com alguns autores, a viuvez tem um significado diferenciado para homens e mulheres; para estas últimas, esse estado civil, não raramente, pode vir acompanhado de um sentimento de independência e liberdade, um distanciamento das obrigações e fardos impostos pelo papel de esposa (Rubio, Wanderley, & Ventura, 2011; Silva, 2015). Quanto a isso, Fernandes e Garcia (2010, p. 780) ainda complementam que tal liberdade advém do fato de "os controles sociais sobre elas serem afrouxados, posto que já não detêm, principalmente, a função procriativa".

Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) apontam que a sexualidade envolve questões emocionais, indo além do físico; portanto, são de extrema relevância a amizade e o companheirismo entre o casal, envolvendo uma boa conversa, dar e receber atenção, entre outros. Questões estas que foram evidenciadas durante a realização do grupo por meio das falas das participantes, sendo admitido, por algumas mulheres, o fato de acharem mais importante ter um "companheiro" com quem podem contar, mesmo estando este distante, do que ter um cônjuge sem que haja esse envolvimento.

Para Uchôa e colaboradores (2016, p. 940), o envelhecimento não quer dizer que a pessoa se torna "assexuada"; entretanto, os estereótipos, preconceitos e paradigmas socioculturais a respeito da sexualidade na terceira idade interferem de maneira global na vida do idoso. Nesse sentido, a prepotência dos familiares, princípios religiosos e peculiaridades individuais são fatores que podem contribuir para os estigmas da sexualidade para esta faixa etária (Uchôa, *et al.*, 2016). Corroborando isso, algumas participantes apontaram para a interferência dos filhos em relação a sua sexualidade, apresentando ciúmes excessivos, ou até mesmo por permanecerem na mesma casa e, assim, limitar a liberdade dessas mulheres.

Quanto a isso, Garros (2018) expõe que a sociedade tem uma visão limitada em relação a esses idosos, e isso tem se evidenciado também no âmbito familiar, que frequentemente percebe essa pessoa apenas pelo seu “papel de avó” ou de mãe.

De acordo com Maschio, Balbino, Souza e Kalinke (2011), em sua pesquisa, grande parte dos idosos entrevistados mantêm sua vida sexual ativa, mas poucos utilizam métodos de prevenção contra as DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

Por esta razão, faz-se necessário se investir em ações preventivas com a população adulta e idosa, com a adoção de políticas públicas que centralizem medidas preventivas para essa parcela da população, uma vez que são sujeitos que possuem suas necessidades sexuais, desejos e planejam o seu futuro. No entanto, a sexualidade nesta faixa etária muitas vezes é ignorada e deixada de lado, além de não ser discutida.

Em virtude disso, o estudo conduziu para a liberdade e abertura para expressão das participantes; dessa maneira, as mesmas relataram mais facilmente os fatos, histórias e desejos a respeito da temática apresentada. Com relação à prevenção das DST e AIDS, relataram que é necessário promover propagandas preventivas para os idosos e não somente aos jovens, relatando a necessidade de abertura para conversar sobre o tema.

Garros (2018) discorre sobre a importância de espaços para debate da sexualidade com a população adulta e idosa, visto que, muitas vezes, os próprios idosos acabam por reproduzir os tabus que os cercam; assim não possuem o hábito de expressar-se sobre o assunto, seus sentimentos e desejos. Tal lógica foi evidenciada durante a seleção das participantes para o estudo; muitas não quiseram participar devido à temática e depois das inscrições, algumas desistiram. A autora adverte ainda que, quanto menos se falar sobre a sexualidade no envelhecimento, mais esquecida será essa temática.

Assim, os profissionais da área da saúde encontrarão cada vez mais dificuldades em abordarem o assunto para a promoção da qualidade da mesma, conscientização e prevenção de DST (Garros, 2018).

## Conclusão

O grupo de intervenção permitiu a compreensão sobre o conceito da sexualidade e a sua importância para a qualidade de vida das participantes. Além disso, evidenciou sentimentos, raciocínios e percepções, bem como a troca de experiências e histórias, garantindo a diversidade de ideias, crenças e valores. A partir desta troca realizada, a relação entre as participantes foi intensificada.

Também foi evidenciada, por meio das falas das participantes, a necessidade de um trabalho mais fortalecido em relação ao tema, nessa faixa etária, para assim romper estigmas e preconceitos em relação à sexualidade para este público, visando à promoção dessa ocupação para essas mulheres, bem como a prevenção de DST, as quais vêm apresentando um crescimento significativo entre os idosos.

Como limitações do estudo, aponta-se para o baixo número de participantes, o qual não representa uma faixa expressiva da população adulta e idosa, moradoras da cidade de Curitiba, PR, sendo necessário um maior número amostral. Assim, ressalta-se a necessidade de mais pesquisas científicas acerca dessa temática, pois, é por intermédio destas que crenças e estigmas serão rompidos, enobrecendo integralmente a pessoa adulta e idosa e intensificando as intervenções de profissionais da saúde a essa temática.

## Referências

Alencar, D. L., Marques, A. P. O., Leal, M. C. C., & Vieira, J. C. M. (2014). Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde*, 19(8), 3533-3542. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n8/1413-8123-csc-19-08-03533.pdf>.

Associação Americana de Terapia Ocupacional. (2015). Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio e processo. (3ª ed.). *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26, 1-49. Recuperado em 21 abril, 2017, de: 10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49.

Baldissera, V. D. A., & Bueno, S. M. V. (2010). A representação da sexualidade por idosas e a educação para a saúde. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(4), 622-629. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i4.8830>.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (229 p.). São Paulo, SP: Edições 70.

Berger, K. S. (2003). *O desenvolvimento da Pessoa: da infância à terceira idade*. (pp. 396-465). São Paulo, SP: LTC.



Bertolucci, P. H. F., Brucki, S. M. D., Campacci, S. R., & Juliano, Y. (1994). O Mini-Exame do Estado Mental em uma população geral: impacto da escolaridade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 52(1), 1-7. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/01.pdf>.

Brasil. (2013). *Cadernos de Atenção Básica n.º 26: saúde sexual e saúde reprodutiva*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado em 21 abril, 2017, de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf).

Brasil. (2017). Ministério da Saúde. Sexualidade. Recuperado em 29 junho, 2017, de: <http://www.brasil.gov.br/editoria/saude/2012/04/sexualidade>.

Burke, V. M. D. (2008). Sexualidade na velhice: mito e realidade. Monografia de graduação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado em 22 abril, 2017, de: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2785/2/20631990.pdf>.

Camarano, A. A., & Kanso, S. (2017). Envelhecimento da população brasileira, uma contribuição demográfica. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4ª ed.), (pp. 88-106). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Dornelas Neto, J., Nakamura, A. S., Cortez, L. E. R., & Yamaguchi, M. U. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12), 3853-3864. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n12/1413-8123-csc-20-12-3853.pdf>.

Fernandes, M. G. M. (2009). Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração. *Revista de Enfermagem UERJ*, 17(3), 418-422. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a21.pdf>.

Fernandes, M. G. M., & Garcia, L. G. (2010). O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres idosos. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 771-783. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/05.pdf>.

Frugoli, A., & Magalhães-Junior, C. A. O. (2011). A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 15(1), 85-93. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/3696-11792-1-PB.pdf>.

Garros, D. S. C. (2018). Ações de Terapia Ocupacional na sexualidade da pessoa idosa. In: Bernardo, L. D., & Raymundo, T. M. *Terapia ocupacional e gerontologia: interlocuções e práticas* (pp. 217-223). Curitiba, PR: Appris.

Gui, R. T. (2003). Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 3(1), 1-16. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v3n1/v3n1a07.pdf>,

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico de 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 1-215. Recuperado em 4 dezembro, 2017, de [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 4 agosto, 2017, de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>.

Küchemann, B. A. (2012). Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Sociedade e Estado*, 27(1), 165-180. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922012000100010>.

Maschio, M. B. M., Balbino, A. P., Souza, P. F. R., & Kalinke, L. P. (2011). Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(3), 583-589. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000300021>.

Mello, M. A. F. (2007). Terapia Ocupacional e Gerontologia. In: Cavalcanti, A., & Galvão, C. *Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática*. (pp. 367-376). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Moraes, K. M., Vasconcelos, D. P., Silva, R. C. C., Santiago, L. M. M., & Freitas, C. A. S. L. (2011). Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(4), 787-798. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000400018>.

Nogueira, I. R. R., & Alcântara, A. O. (2014). Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 263-282. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/21203-54171-1-SM.pdf>.

Rubio, M. E., Vanderley, K. S., & Ventura, M. M. (2011). A viuvez: a representação da morte na visão masculina e feminina. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(1), 137-147. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6932>.

Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 4, 7-19. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>.

Silva, J. P. (2015). De esposa a viúva, de viúva a esposa. In: Silva, J. P. *Desta para a melhor: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias*. (pp. 115-297). São Paulo, SP: Editora UNESP.

Silva, L. V. S., Minervino, S. S., Bueno, A. A. B., & Fassarella, C. S. (2014). O uso de preservativo e a prevenção de doença sexualmente transmissível na terceira idade. *Revista Rede de Cuidados em Saúde*, 8(1), 1-11. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rcs/article/view/1939>.

Uchôa, Y. S., Costa, D. C. A., Silva Junior, I. A. P., Silva, S. T. S. E., Freitas, W. M. T. M., & Soares, S. C. S. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 939-949. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>.

Viana, H. B., & Madruga, V. A. (2010). Sexualidade na velhice e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 2(2), 26-35. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/735>.

Vieira, K. F. L. (2012). *Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e repercussões psicossociais*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. Recuperado em 21 abril, 2017, de: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6908/1/arquivototal.pdf>.

Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., & Saraiva, E. R. A. (2016). A Sexualidade na Velhice: Representações Sociais de Idosos Frequentadores de um Grupo de Convivência. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, 36(1), 196-209. Recuperado em 10 junho, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0196.pdf>.

World Health Organization. (2015). [Resumo] Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Recuperado em 10 de junho, 2017, de: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>.

Recebido em 07/04/2019

Aceito em 30/06/2019

---

**Thayani Guedes Leite** – Graduada em Terapia Ocupacional. Universidade Federal do Paraná.

E-mail: [thayani.guedes@gmail.com](mailto:thayani.guedes@gmail.com)

**Vanessa Hellman** - Experiência na área de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Atualmente é Voluntário da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: [nessa.hellman@gmail.com](mailto:nessa.hellman@gmail.com)

**Taiuani Marquine Raymundo** – Terapeuta Ocupacional. Mestra e Doutora em Ciências – Área de Bioengenharia. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Experiência na área de Terapia Ocupacional em Gerontologia, atuando principalmente na área da Gerontecnologia. Membro fundadora da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia, SBGTec.

E-mail: [taiuanimarquine@gmail.com](mailto:taiuanimarquine@gmail.com)